Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-075-9
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

Produções Didático-Pedagógicas

2013

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

Ficha para identificação da Produção Didático-pedagógica

Título	A linguagem das máscaras ritualistas dos povos nativos da África: o valor do conhecimento artístico e cultural na história da humanidade.
Autor	Sheila Cristine Rocha
Orientadora	Josie Agatha Parrilha da Silva
Disciplina/Área	Arte
Escola de Implementação do Projeto e localização	Colégio Juracy Rachel Saldanha Rocha Rua João Moraes da Silva, 50 Conjunto Habitacional Marialva II
Município	Marialva
Núcleo Regional de Educação	Maringá
Instituição de Ensino Superior	UEM
Resumo	Essa Unidade Didática se propõe a promover a valorização da cultura africana e dos afros descendestes na construção da história do Brasil, por meio do conhecimento das máscaras africanas, cujo uso e costumes tornaram-nas objetos sacralizados. Reconheceremos como ponto inicial os países da costa ocidental africana, cujo comércio de escravos foi intenso; posteriormente, reconheceremos que os povos dominadores (colonizadores) marcaram a nossa sociedade com noções estereotipadas de “brancos” e “negros. E, ao considerar as inúmeras ações afirmativas que recentemente nosso país tem elencado visando a paridade do ser humano apresentamos, então, a riquíssima cultura africana na beleza e no encantamento que as máscaras possuem. Este trabalho de estudo teórico sobre as máscaras será vivenciado por meio de uma prática artística em que o aluno será capacitado para produzir uma máscara considerando o aspecto social que lhe é intrínseco e aprenderá sobre o aspecto estético por meio das técnicas de artesanato papel machê e papietagem cujo desenvolvimento será aqui instruído.
Palavras-chave (3 a 5 palavras)	Cultura; Artes Visuais; Misticismo africano; Máscaras africanas.
Formato do Material Didático	Unidade Didática
Público Alvo	Ensino Médio -2º ano - Diurno

UNIDADE DIDÁTICA

1. APRESENTAÇÃO.

A construção da colonização do Brasil foi marcada pelo modelo escravocrata, por dominações e explorações. O desconhecimento sobre a cultura africana resultou em estereótipos relacionados a “brancos e negros” e passado inúmeros anos, faz-se notar que precisamos de ações muito mais consistentes para que o preconceito que nos aparece de modo velado

> [...] sob uma aura de igualdade social que nunca se efetivou, ainda hoje, continua a discriminar pessoas advindas de etnias consideradas inferiores. [...] é através da educação que se podem conduzir os indivíduos ao reconhecimento e à valorização da diversidade cultural brasileira, pois a escola deve ter por objetivo a construção de valores e do respeito necessários para a efetivação da cidadania plena para todos (AMARAL, 2009, p.162).

O ambiente escolar é um importante meio de socialização e apreensão do conhecimento sobre a cultura local e sobre a cultura de outras nações e isto nos permite que sejamos familiarizados com culturas não dominantes proporcionando-nos uma abertura para a riqueza cultural da humanidade (PORTELLA, 2003).E é por meio desta problemática que nos direcionaremos ao conhecimento sobre as máscaras africanas, cujo tema advém de milhares de anos e está presente tradicionalmente em toda cultura africana sendo intrínseca na própria estruturação dos valores éticos humanos.

Esta Produção Didática Pedagógica denominada Unidade Didática será aplicada no Colégio Estadual Juracy Rachel Saldanha Rocha, Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante do Município de Marialva- PR com os alunos do 2º ano Ensino Médio do período matutino. Tem como objetivo promover a valorização da cultura negra por meio do conhecimento artístico e cultural das máscaras africanas desenvolvendo o saber estético através da prática artesanal que combina papel machê e papietagem.

2. MATERIAL DIDÁTICO

2.1 Conteúdo de estudo

A cultura africana está intrinsicamente ligada à religiosidade que se baseia na compreensão do universo, dos seres humanos e da própria natureza de Deus, cujo nome varia conforme a região e mesmo sendo superior e fonte de todo o poder sobre a vida e sobre a morte, se mostrava envolvido com as questões terrenas. A religião como alicerce proporciona estabilidade e coerência da vida em sociedade e as novas gerações que acrescentavam mudanças a herança religiosa e cultural eram consideradas normais desde que mantivessem os valores africanos (OGOTO, 2010).

Havia uma hierarquia de espíritos, primeiro o Deus, depois os espíritos dos ancestrais e em sequência, os demais deuses cujo poder poderia recompensar ou punir os seres humanos com doenças ou mesmo com a morte. Para todo tipo de divindade havia os cultos, os sacerdotes, os altares e os objetos que os representavam, finalizando com os espíritos com poderes místicos e os amuletos e talismãs que também tinham a função do bem e do mal (OGOTO, 2010).

A ideia é que o ser humano se compõe de alma (parte imaterial que sobrevive a morte) e corpo (parte material que se desintegra) e considera que a morte é somente uma extensão da vida havendo então uma inter-relação entre os vivos, os mortos e entre os que ainda estão por nascer compreendendo que a transição da vida ocorre como um ciclo de passagens, do nascimento, casamento, procriação, morte e vida pós-morte e cada etapa desta transição é marcada através das cerimonias, dos rituais, das crenças e das festas que enfatizam a importância da vida em comunidade que se sobrepõe aos direitos individuais (OGOTO, 2010).

Ao compreendermos os valores culturais, religiosos e estéticos visualizamos os cerimoniais com as máscaras na África como uma das mais belas manifestações artísticas do mundo que aparecem na história da humanidade desde as épocas mais remotas. Usadas em celebrações, marcam as passagens de transição da vida e seguem um estilo tradicional que depende do lugar e do contexto em que se encontram seja para conduzir os indivíduos na sociedade ou para representar ou simbolizar as divindades. São confeccionadas de diversos materiais como marfim, couro, metal, terracota, tecido e principalmente madeira (FERREIRA, 2011). Porém, a máscara é todo

um conjunto, é também maquiagem, pintura corporal, fibras, folhas, peles de animais, penteados. Estes materiais são escolhidos pela simbologia que representam e todos eles têm parte na sua significação. O criador da máscara também segue rituais de purificação, de isolamento e quando a máscara é repintada ela simboliza estar viva e por isso nos períodos cerimoniais elas são conservadas, cuidadas e mesmo alimentadas (ADOLFO, 2009). São usadas por um dançarino que acompanhado por música e cânticos entra em transe profundo e em contato com os ancestrais recebe as mensagens. Estas mensagens de sabedoria dos ancestrais (geralmente grunhidas) são, então, traduzidas por um sábio ou tradutor que acompanha o mascarado/dançarino. Esses cerimoniais demonstram os valores morais, sociais e religiosos de toda a comunidade (FERREIRA, 2011).

Com a invasão dos colonizadores e consequentemente parcelamento do continente africano, muitos povos deslocaram-se dos seus lugares de origem perdendo em parte sua identidade, sua cultura. Hoje, na Guiné e em outros países, algumas tribos, ajudadas por historiadores, antropólogos e turistas buscam retomar a identidade étnica através dos rituais das máscaras. Valem-se dos cidadãos mais velhos para que recordem como estes rituais eram realizados, já que máscara é todo o conjunto de indumentária, acessórios e sempre ligado as danças e muito deste conhecimento cultural sobreviveu apenas da tradição oral (FERREIRA, 2011).

A função da máscara está relacionada com o que se quer representar ou simbolizar, são como os mitos que só possuem sentido quando compreendidos e fundamentados no ritual, na sociedade. Mesmo ao se considerar os aspectos plásticos da obra, não há como separá-los do contexto social e religioso, pois, a função/significação/simbologias e sobrepõe a forma ao englobar a história, a filosofia, a espiritualidade e os mitos (FERREIRA, 2011). As funções das máscaras podem ser organizadas , segundo Adolfo (2009), em dez modalidades:

Sagradas: representa o deus, os ancestrais, as divindades e por isso sua aparição se restringe a acontecimentos importantes e guardados em lugares considerados sagrados. Funcionam como juízes, pois estabelecem a ordem social por meio das cerimonias e rituais, além de fornecer proteção contra as forças do mal(ADOLFO, 2009).

Profanas: são as diversas máscaras que acompanham a máscara sagrada. Estas máscaras profanas usadas em festas e divertimentos representam os ancestrais

da família, pois são eles os detentores da memória, do patrimônio cultural do povo e deles busca-se a essência vital. Destaca-se máscara guerreira, é encarregada de fazer justiça, supervisionando também o comportamento dos indivíduos ou a máscara griot, acompanhada do mascarado cantor atua juntamente com a máscara sagrada, participa dos funerais e suplica misericórdia. Enfim, estas máscaras regem o coletivo e se completam nas funções religiosas, política, econômica, histórica e terapêutica (ADOLFO, 2009).

Religiosa: presente nos ritos de passagem, permite mediar a comunicação entre deus, os ancestrais e os homens protegendo contra os espíritos do mal associados a feiticeiros que trazem muito sofrimento. O espírito associado ao mascarado possui a função de caçar estes feiticeiros fazendo-os reparar suas faltas punindo-os corretamente (ADOLFO, 2009).

Política: é assim considerada, pois a máscara garante que se mantenha a ordem social. Os reis, chefes e afins consolidam seu poder com a ajuda das forças do além, o respeito que a população credita na máscara e no mascarado garantem o seus domínios (ADOLFO, 2009).

Social: a harmonia da comunidade é conseguida através dos laços com os ancestrais que distribuem suas bênçãos. Estas máscaras supervisionam e punem os malfeitores, mas apesar do anonimato do mascarado ele também é observado pelos dirigentes políticos para que não cometa injustiças (ADOLFO, 2009).

Cultural e educativa: as máscaras são modelos de valores sociais a ser seguidos além de promover e conservar a cultura de um povo e por meio dos seus ensinamentos estabelece desta forma a ética de uma sociedade (ADOLFO, 2009).

Iniciação: os jovens na maioria masculinos, geralmente fazem parte das sociedades secretas e recebem os ensinamentos referentes a sua formação técnica, social e moral em diferentes etapas, pois isto depende do ritual em que serão iniciados (ADOLFO, 2009).

Funerária: esta máscara também sagrada tem a função de conduzir a alma do defunto ao reino dos espíritos para que este possa ser transformado em energia beneficiando os seus descendentes (ADOLFO, 2009).

Animais: estas máscaras se diversificaram e obtiveram outro valor quando o homem reconheceu o significado e a autoridade que diversos animais possuem nos mitos e em certos rituais. Máscaras meio-homem, meio-animal protegem o povo nas

guerras, nas doenças, atuam nas festas da semeadura e colheita e nos rituais de iniciação (ADOLFO, 2009).As cores das máscaras sob seu aspecto simbólico possuem características que as tornam ímpares e segundo Adolfo (2009) são representadas considerando as funções a qual se destinam, como exemplo:

A cor branca simboliza a transformação do ser na transição da morte ao renascimento. Considerada divina, transborda luminosidade, pureza, inocência e senso de justiça. É obtida a partir do farelo do caulim (espécie de argila branca) ou da cal encontrado em cascas de ovos, de caracol e similares. Em alguns lugares, o caulim significa luto e se usa na decoração de túmulos. A cor preta é considerada negativa, simboliza o mal, a morte, a feitiçaria. É obtido do carvão e de folhas queimadas (ADOLFO, 2009).

O vermelho, obtido da natureza, vai do sangue, do fogo, do poder à fecundidade, à rendição; quando muito escuro sugere impureza e agressividade. Esta ambiguidade relaciona-se também ao amarelo que vai da paz, da fortuna, da fertilidade e eternidade ao declínio, ao prenúncio da morte. Assim também a cor azul, considerado negativo embora tenha aspectos de pureza, de sonho e de descanso. Já o verde, simboliza a crença, o nascimento, a coragem (ADOLFO, 2009).

As máscaras, como afirma Salum (2005) possuem estilos que as caracterizam considerando a sociedade que a produz, o artista, a época, a função e a região de onde provêm, mas mesmo com certas especificidades, há também elementos que são equivalentes entre si, pois "...cada objeto é apenas uma parte da manifestação estética a que pertence, constituída por um conjunto de atitudes (gestos, palavras), danças e músicas" (Salum, 2005).Assinalam-se neste estudo as máscaras situadas nos países da costa ocidental africana: República dos Camarões (máscaras do povo Bangwa, Bamoum e Bamileke), Gabão (máscaras do povo Punu), Costa do Marfim (máscaras do povo Bete, Guro e Baule), Guiné (máscaras do povo Baga) e Nigéria (máscaras do povo Edo).

A República do Camarões compõe-se de mais de 230 grupos étnicos que são distintos entre si, isto é, cada um tem o seu modo de vida, seus hábitos, mas o que os torna comum é a riqueza cultural, nas suas tradições, no folclore, nas máscaras e estatuetas e nas músicas que perpetuam os ritos. Destaca-se o ritual "Ngondo",uma festa com magia, dança, máscaras e corridas de piroga (tipo de embarcação/canoa).As

máscaras Bangwa e Bamoum (Figura 01) possuem exagero nas feições da face(ZEIGER, 2011).

Figura 01: Máscaras Bamoun
Fonte:Afro & Africa[1]

Esta máscara em tipo de capacete é usada pelos 9 membros da sociedade Throh (instituição política-religiosa) em funerais de pessoas importantes e durante a posse de um novo chefe. Depois das cerimônias, as máscaras são guardadas e quando um membro morre, o filho é quem a herda. A máscara real Bamoum é revestida de contas, entalhadas em madeira e reservadas para o uso da realeza (ZEIGER, 2011).

As máscaras Bamileke (Figura 02) são consideradas objetos de poder e são feitas para honrar o Fon (rei). Utilizam-nas nos rituais de celebrações, de plantio e colheita (acreditam ser a mulher responsável pela fertilidade do solo) de fecundidade da mulher, de abertura da caça real e para expedições de guerra, garantindo a

[1]Disponível em <http://www.flogao.com.br/czeiger/71365704>.Acesso em:18 set. 2013

proteção do povo. Suas contas coloridas retratam a riqueza e suas formas abstratas simbolizam a sabedoria. Homenageiam também o deus supremo (Si), os ancestrais e acreditam que os espíritos destes habitam os crânios (ZEIGER, 2011).

Figura 02: Máscara Bamileke
Fonte: de-África-de-Outros[2]

O povo acredita no poder sobrenatural do rei e isto lhe permite transformar-se de homem em animal durante os rituais especiais. Nesta mescla, surgiram as máscaras antropomórficas e zoomórficas que simbolizam força e poder dos animais como o elefante e o búfalo. Devido às invasões, o povo Bamileke viu-se obrigado a mover-se para o sul e juntaram-se ao povo Bamoum multiplicando as ideias e as habilidades artísticas (ZEIGER, 2011).

No Gabão destaca-se o povo Punu que vive ao longo do rio Ngoumie. Nas celebrações e festivais utilizam a máscara (Figura 03) para representar os espíritos de

[2]Disponível em < http://www.de-africa.com/1mascaras.html>. Acesso em:18 set. 2013

ancestrais masculino e feminino, porém, o que mais a caracteriza são os rostos brancos femininos, os penteados com duas tranças (igual usado pelas mulheres), o nariz pontudo, as sobrancelhas em arco e a boca fechada. Quando a máscara é de cor de madeira natural ela tem função judicial. É usada pelos chefes para consultar os espíritos na busca de soluções para os problemas administrativos (ZEIGER, 2011).

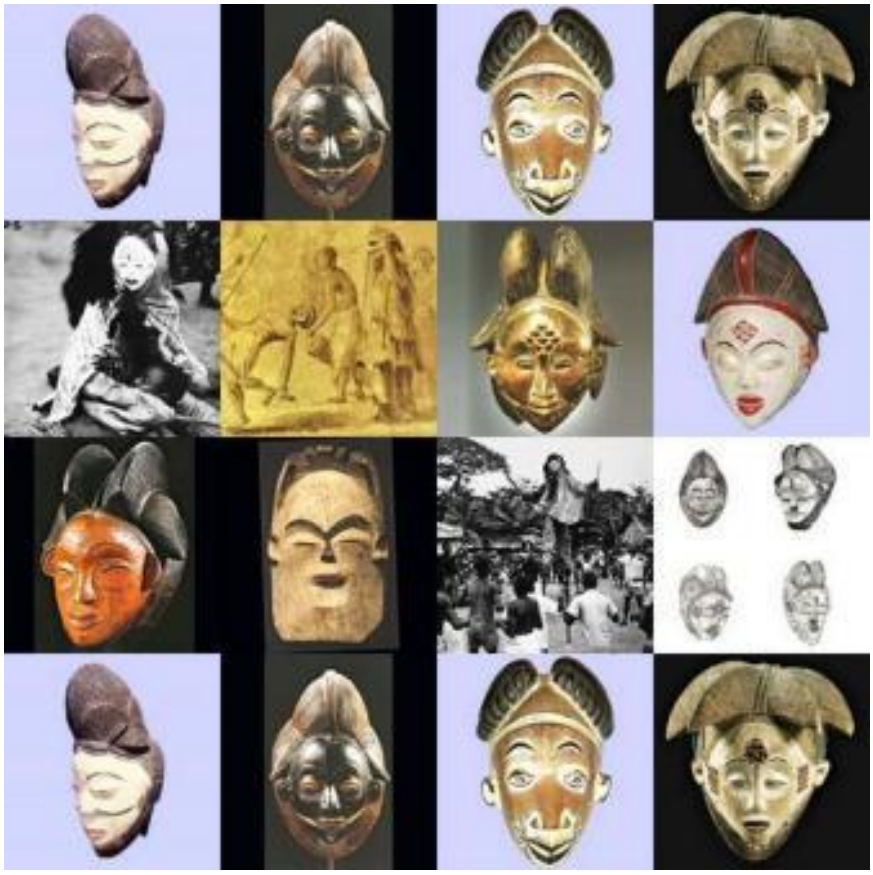

Figura 03: Máscara Punu
Fonte: Afro & Africa[3]

No sudoeste da Costa do Marfim, entre os rios Sassandra e Badama, destaca-se a tribo Bete, famosos pelas máscaras Nyaba (Figura 04). Estas máscaras se caracterizam pela forma exagerada da testa, da boca, dos relevos da face em contraste com os olhos, que são estreitos. São usadas principalmente em funerais, tendem a

[3]Disponível em < http://www.flogao.com.br/czeiger/7083768>. Acesso em: 18 set. 2013.

causar medo e protegem a comunidade dos feiticeiros que possam trazer algum mal (ZEIGER, 2011).

Figura 04: Máscara Nyaba
Fonte: Afro & África[4]

O povo Bete mantém uma relação entre a natureza e os ancestrais, acreditam no mundo espiritual que habita nas florestas, nos rios e nas rochas. Sua principal fonte de subsistência é a agricultura e plantam apenas o que precisam para consumo (exceto o café que cultivam para ter lucro). Nos tempos difíceis da agricultura, incorporam e realizam sacrifícios para os espíritos. Também esculpem elegantes estátuas cujo estilo foi influenciado pelos povos Guro, Yaure e Senufo (ZEIGER, 2011).

Outra tribo que se destaca na Costa do Marfim é a do povo Kweni que ao ser dominado pela tribo Baule foi chamada de Guro. É uma das tribos que mais se destacaram na produção da arte africana, primam pelo refinamento e pela elegância.

[4] Disponível em <http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2011/10/mascara-nyaba-tribo-bete-da-costa-do.html>.Acesso em: 18 set. 2013.

As máscaras são antropomórficas e zoomórficas (Figura 05), possuem rostos mais compridos, olhos amendoados, testa arredondada com tatuagens, cabeleira bem trabalhada, nariz fino e delicado, assim como os lábios e geralmente são pintadas com tintas naturais. As máscaras zoomórficas são multicoloridas, possuem orelhas de elefante ou outros elementos, como pássaros, ou então, a máscara que representa o espírito de Gu, a mulher de Zamble, que combina feições da hiena, do crocodilo, do leopardo e do antílope. O corpo do dançarino é coberto por palha de palmeira ou de capim vermelho e possui uma gola de madeira que fica na base da máscara que serve para fixar o manto de ráfia. Estas peças são guardadas nas casas e usadas na adivinhação (ZEIGER, 2011).

Figura 05: Máscara Guro
Fonte: Afro & África[5]

A colonização desta tribo se deu pelos invasores europeus a partir de 1906, até então estavam sob a proteção da densa floresta que dificultava o acesso dos

[5] Disponível em http://www.flogao.com.br/czeiger/70584597<>.Acesso em: 18 set. 2013

invasores. Para evitar a colonização, os Guro optaram por uma vida nômade, mas em 1912 acabaram sendo colonizados. Tornaram-se agricultores, produzindo algodão, arroz, café e cacau; os homens aram a terra e as mulheres plantam. Os vilarejos Guru são governados por um conselho de anciãos e cada família tem o seu representante. Um ancião não tem o poder de um chefe, mas serve de mediador entre disputas ou entre as tribos vizinhas. O dia a dia é dominado por sociedades secretas, em destaque a sociedade Je, que é responsável por questões de ordem social, política e de proteção contra as forças do mal para os quais constroem santuários e imagens. Suas máscaras abrem o cerimonial preparando o público para as figuras antropomórficas. (ZEIGER, 2011).

A tribo Baule é uma das mais importantes da Costa do Marfim, suas questões administrativas eram decididas em conjunto e em rituais. Segundo a lenda, no século XVIII a rainha Aba Pokou levou o povo até as áreas de mineração e cruzou um rio, onde se viu obrigada a sacrificar seu filho para a divindade do rio. Por isso esse povo ficou conhecido por Bauh, “o filho está morto". Este reino foi desintegrado devido aos conflitos internos e a chegada dos colonizadores franceses no século XIX. Os artistas Baule fazem inúmeras obras de arte, estilizadas e riquíssimas em detalhes. Seus entalhadores continuam trabalhando ativamente nos dias de hoje mantendo a tradição. As melhores máscaras são usadas pelos melhores dançarinos. Os Baule usam três tipos de mascaras: a máscara zoomórfica Bonu Amwin (Figura 06) que significa espírito protetor, são usadas em rituais fúnebres, impõe disciplina as mulheres e protegem o vilarejo contra as ameaças externas. É um capacete na forma de búfalo, com um par de chifres planos, um nariz em forma de T e uma grande boca retangular com dentes expostos. São sempre vestidas por homens que a usam com um traje de ráfia e tornozeleiras de metal (ZEIGER, 2011).

Outros tipos de máscara possuem o rosto com feições realísticas, um pouco arredondadas, queixo pontudo, nariz em forma de T, olhos semicirculares, pele marcada com traços e penteados elaborados. Algumas vezes, pintada na cor preta vermelha e branca e usada originalmente por guerreiros. Estas máscaras possuem caráter cerimonioso e são usadas nas festividades e visitas de chefes importantes (Figura 07). As máscaras que possuem dois rostos, lado a lado, simbolizam gêmeos, o que para os africanos é um bom presságio. E há também as máscaras usadas nos festivais Goli. Estes festivais duram um dia inteiro e geralmente envolve toda a

comunidade que se alegra bebendo vinho de palma. Os Goli e os Baule falam a língua Wan (povos vizinhos) que também participam das cerimônias (ZEIGER, 2011).

Figura 06: Máscara Bonu Amwin
Fonte: shikra.de[6]

Figura 07: Máscara Mblo
Fonte: Afro &Africa[7]

As máscaras da tribo Baule se caracterizam na forma humana e animal, sendo que as humanas são fabricadas e usadas apenas por homens que entram em contato com Gu (aquele que governa o mundo). Buscam o realismo em suas obras e usam vários materiais como madeira, ouro ou latão fundido. Desde cedo o jovem aprende o sentido estético de sua tribo, como as cores, a proporção, as formas e a posição dos elementos da máscara ou da escultura. Na cultura africana quando um jovem ou subordinado esta diante de um sábio ou de um rei, ele deve manter o olhar para baixo em sinal de respeito (ZEIGER, 2011).

Outras máscaras como a Gba-Gba estão presente nos funerais de mulheres e durante a estação da colheita, celebram a beleza, a idade e por isso suas feições são refinadas; a máscara Kple-Kple é também uma das várias que se usam no ritual deste povo e representam um espírito menor associado com o grupo de jovens dançarinos.

[6]Disponível em <http://www.shikra.de/product_info.php?cPath=2_1_220&products_id=1423&language=en >.Acesso em: 18 set. 2013

[7] Disponível em < http://www.flogao.com.br/czeiger/70711930> Acesso em: 17 out. 2013

São mais simples e precedem as demais máscaras como a Goli Glin (zoomórfica) e a Kpwan (antropomórfica). Tem forma de disco lunar, com dois chifres, os olhos são pequenos e redondos e a boca retangular; é decorada por desenhos geométricos (Figura 08). A máscara vermelha é usada por mulheres e a preta por homens. Nessa cerimonia ao som de música, o jovem mascarado brinca de perseguir as moças ao redor do vilarejo. Ele usa uma pele de cabra sobre as costas e uma saia de ráfia. Essa máscara representa a idade de transição entre a adolescência e a maturidade e possui a forma de um antílope. (ZEIGER, 2011).

Figura 08: Máscaras Goli / klepklep
Fonte: Afro &África[8]

A tribo Baga que vive ao sul de Guiné acredita em um único deus que é ajudado por espíritos masculinos e femininos. Seus artesãos são conhecidos por suas máscaras e esculturas antropomórficas e zoomórficas que são usadas para as mais variadas

[8] Disponível em < http://www.flogao.com.br/czeiger/70712378>.Acessoem: 18 set. 2013.

funções. Destaca-se a máscara Bansonyi com forma de serpente, vive na floresta e só aparece durante as cerimônias de iniciação. Personifica o espírito de Mantsho Na Tsol (Figura 09). Os dançarinos usam trajes de ráfia e as máscaras são enfeitadas com penas, fitas e sininhos. Já as tribos ao norte da Guiné usam a máscara Anok (com cabeça de pássaro) durante os festivais da colheita e nos ritos funerários. São capacetes decorados com losangos, onde os pequenos chifres são preenchidos por substâncias mágicas (ZEIGER, 2011).

Figura 09: Máscaras Bansonyi e Anok
Fonte: Afro &África[9]

Nas pequenas comunidades da Nigéria há diversas cerimônias de máscaras e os usuários são considerados os representantes do mundo espiritual chamados de

[9]Disponível em < http://www.flogao.com.br/czeiger/70456376>.Acesso em 18 set. 2013

Erinmwi. Estas cerimônias homenageiam os heróis divinizados, purificam e protegem o lugar, os dançarinos cobrem seus corpos com folhas de palmeira e o cheiro serve também para afastar o mal. Algumas vezes estas folhas são entremeadas com faixas de tecido vermelho costuradas com espelhos e placas de latão que tem também a mesma função, a de afastar o mal. As máscaras Ekpo, do povo Edo são as mais conhecidas da Nigéria, o fundador do culto Ekpo foi Agtboghidi, um guerreiro famoso que se rebelou contra o Oba Akengbuda. Os cultos de máscaras Ekpo (Figura 10), Ovia, Okhuaihe e outros mais estão associados com heróis e heroínas que resistiram contra o poder central ou deserdaram o Oba e costumam ser reverenciados nos festivais anuais e também sempre que as doenças epidêmicas ameaçam a população (ZEIGER, 2012).

Figura 10 – Máscara Ekpo
Fonte: Afro &África[10]

[10] Disponível em < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/2012/04/mascaras-ekpo-estado-edo-nigeria.html>.Acesso em: 18 set. 2013

2.2 Estratégia metodológica

Etapa I

Apresentação por meio de textos, vídeos e imagens do tema de estudo produzido no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) preparando o aluno para o conteúdo.

Recursos: televisão multimídia ou data show; pen drive e sala de aula.

Técnica: exposição oral do professor.

Tempo: 2 aulas.

Avaliação: análise de “feedback” dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, período da manhã.

Etapa II

Apresentação por meio de textos e imagens do objeto de estudo: máscaras africanas.

Recursos: televisão multimídia, pen drive e sala de aula.

Técnica: exposição oral do professor.

Tempo: 2 aulas.

Avaliação: análise de “feedback” dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, período da manhã.

Etapa III

Apresentação teórica e visual da técnica plástica papietagem e papel machê

Recursos: sala de informática.

Técnica: vídeos e imagens de web sites que demonstram em método passo-a-passo a técnica de modelagem em papel machê e papietagem.

Tempo: 2 aulas.

Avaliação: exposição oral do aprendizado feito pelo aluno.

Etapa IV

Prática artística: desenho

Recurso: sala de aula, lápis grafite, lápis de core papel.

Técnica: desenho com lápis grafite em papel tamanho A4 de máscara com características africanas, estudo e aplicação das cores.

Tempo: 3 aulas.

Avaliação: neste desenho o aluno demonstrará a apreensão do conteúdo sobre as máscaras africanas considerando o contexto histórico a qual está inserida, escrevendo a parte um resumo sobre quais características das máscaras africanas seu trabalho está baseado.

Etapa V

Prática artística de modelagem da máscara (1)

Recursos: papel jornal, cola branca, água, recipiente fundo, bexiga ou outro suporte que se assemelhe a uma face, lápis grafite e tesoura.

Técnica: papietagem.

Inicia-se enchendo a bexiga em um formato oval ou de posse de outro suporte para a máscara; rasga-se o jornal em tiras; faça-se uma mistura no recipiente de 2 /1partes de água e cola branca, umedece as tiras nesta mistura e cole ao longo do suporte (se for a bexiga exceto o bico) uma a uma na posição horizontal. Depois de seco, repete a operação, porém na posição vertical. Continua este processo por no mínimo 6 camadas.

Com o suporte seco, corta-se a forma da cabeça contemplada no desenho (Etapa 4). Se for de bexiga, corta-se o bico e a partir dele, corta-se a bexiga ao meio (longitudinal) retirando-a da face interna. Desenham-se então, com lápis grafite no lado externo, os elementos essenciais da máscara como olhos, nariz e boca dentre outros seguindo o desenho prévio. Corta-se ou não, o espaço compreendido para a boca e os olhos, deixando-os vazados.

Tempo: 3 aulas

Avaliação: comprometimento do aluno relacionado com a prática artística a partir dos materiais necessários e apreensão da primeira fase (suporte) que servirá para a confecção da máscara.

Etapa VI

Prática artística de modelagem da máscara (2)

Recursos: papel jornal, cola branca, água, recipiente fundo e o suporte da máscara (Etapa 5).

Técnica: papel machê.

Rasgar pequenos pedaços de papel jornal e colocar em um recipiente com água até cobrir. Depois de amolecido, espremer pequenas porções para retirar o excesso de água, acrescentar cola e manusear, formando uma massa. Utilizar porções desta massa para evidenciar certas expressões da máscara, modelando conforme desejado. Após secagem e para melhor acabamento, pode-se retornar a técnica de papietagem finalizando com mais uma ou duas camadas uniformizando a superfície. Esperar secagem.

Tempo:3 aulas

Avaliação: processo de manuseamento dos materiais, modelagem e produção artística de uma máscara segundo a técnica artesanal papel machê com acabamento em papietagem.

Etapa VII

Prática artística de pintura da máscara

Recursos: tinta guache, pincéis, godê para tintas e auxiliares e pano de limpeza.

Técnica: preparar as tintas de acordo com o desenho (etapa 4) e pintar a máscara respeitando as escolhas. Aguardar secagem. Pode-se também aplicar adereços como contas, conchas, barbantes e afins utilizando a cola quente, preparando também a máscara para ser exposta no mural. Finalizar o trabalho limpando e organizando o ambiente da sala de aula.

Tempo: 2 aulas

Avaliação: manuseio dos materiais de pintura e técnica de pintura.

Etapa VIII

Prática artística: exposição

Recursos: parede/mural da escola e notas explicativas sobre o trabalho exposto.

Técnica: pendurar as máscaras e expor as notas explicativas harmoniosamente no mural, utilizando para isso cola quente, fita adesiva ou tachas.

Tempo: 2 aulas

Avaliação: a valorização da cultura africana se apresentará pela interação da práxis pedagógica, isto é, apreensão do conteúdo e produção plástica artística.

3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

1. Na primeira apresentação do projeto, o professor deverá prover-se do material já previamente selecionado que será utilizado nesta aula de exposição. Considerando que o professor utilize a televisão multimídia, então deverá preparar slides/lâminas, utilizando o programa Power Point Slides ou outro similar, salvá-los em pen-drive no formato jpg ou jpeg mesclando textos curtos, enfáticos, que atestem e justifiquem a importância do conteúdo com imagens e vídeos do tema, tornando a exposição oral mais rica, interessante e dinâmica. Deverá também expor aos alunos como o estudo se desenvolveu, a escolha do tema, os objetivos, explicando também o formato do programa PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), no qual o professor participou. Esta primeira exposição é uma das mais importantes, pois será o momento em que o professor será instigador e poderá ter os alunos mais comprometidos com o trabalho desenvolvido pelo professor e com o trabalho que irão desenvolver.
2. A próxima aula será focada ao objeto de estudo: as máscaras africanas. Assim como na primeira exposição, o professor deverá valer-se dos recursos audiovisuais ou conforme a disponibilidade de recurso tecnológico de sua escola, como o projetor multimídia Data Show, enriquecendo ainda mais sua exposição. Falará das máscaras africanas (características, funções, formas, cores) e de como irá ocorrer a prática artística. O professor deverá sempre considerar que o retorno, ou seja, o “feedback” será total ou parcialmente alinhado ao resultado de sua performance em sala de aula. É necessário ter 100% de entusiasmo com o tema do trabalho.
3. O professor deverá fazer o agendamento prévio para que utilize neste momento a sala de informática. Para esta aula, o professor irá disponibilizar para o aluno um texto explicativo (em papel ou virtual), ilustrado, no modelo passo-a-passo de como desenvolver a técnica artesanal de papel machê e também da técnica papietagem, explicando porque se utilizará ambas as técnicas na confecção da máscara. No

decorrer da aula, o aluno irá buscar em sites imagens e vídeos que facilitem e atestem o seu aprendizado. O professor finalizará a aula com uma lista de materiais (régua, lápis grafite, lápis de core papel tamanho A4) que os alunos deverão trazer para atividade seguinte.

4. Esta aula será de desenho, que nomearemos de desenho criativo dirigido, pois o aluno será livre para construir o desenho, mas terá como direcionamento o conteúdo exposto e assimilado sobre as máscaras africanas. Desenhará uma máscara em papel tamanho A4, centralizada e irá colorir respeitando a simbologia que as cores representam no contexto estudado. Como exemplo: o aluno desenha uma máscara com feições alegre, radiante; a cores utilizadas na máscara deverão ser correspondentes a este estado de espírito. O professor deverá expor aos alunos a próxima etapa, que é a modelagem da máscara, informando quais serão os materiais que irão utilizar e que por isso deverão trazer para a sala de aula. São eles: papel jornal, cola branca, água, recipiente fundo (prato, pote), bexiga ou outro suporte que se assemelhe a uma face, lápis grafite e tesoura.
5. De posse do seu desenho da máscara o aluno irá desenvolver o modelo preparando primeiramente o suporte, conforme explicação na Etapa V, respeitando cada passo do processo para que finalizado esta preparação do suporte seja permitido trabalhar na próxima etapa, que é o enriquecimento por meio dos detalhes e particularidades de cada máscara.
6. Nesta aula, o aluno deverá trazer os mesmos materiais citados anteriormente, além da máscara (suporte) e a máscara desenhada. Irá ressaltar as expressões, as feições da máscara utilizando a técnica de papel machê, cuja explicação se encontra na Etapa VI. Deverá respeitar o tempo de secagem e assim poderá aplicar novamente a técnica de papietagem para que o acabamento da máscara seja mais uniforme. O professor informará o material a ser utilizado na finalização da máscara na aula seguinte, que são as tintas (tipo guache, acrílica, PVA), a critério do aluno, do professor ou dos recursos provenientes da escola. E que será também utilizado os pincéis e os materiais de limpeza correspondentes.
7. Os alunos irão preparar as tintas em seus recipientes, terão como direcionamento as cores estudadas e aplicadas nas máscaras que foram desenhadas. Farão a pintura em tons chapados e ao término da secagem poderão aplicar adereços que poderão fazer parte de seu trabalho (colagem com barbante, contas, brilhos e

afins). O aluno também poderá fazer esta aplicação de adereços posteriormente em sua casa. Ao término das atividades, o professor e todos os alunos deverão ser responsáveis pela limpeza e organização da sala de aula.

8. Com as máscaras prontas e com o resumo escrito em formato de nota explicativa, o professor e os alunos irão dirigir-se ao espaço destinado a exposição dos trabalhos, podendo ser um mural, uma parede, ou mesmo a junção de várias carteiras no pátio para que as máscaras com suas respectivas notas explicativas sejam expostas. Esta exposição poderá também ser inclusa nas atividades do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, promovendo a valorização da cultura negra por meio do conhecimento artístico e cultural das máscaras africanas.

3.1. Sugestão de links referentes ao conteúdo teórico:

http://www.de-africa.com/1mascaras.html

http://www.africadosul.org.br/arte.html

http://construtor.aprendebrasil.com.br/up/52710001/1718674/t138.asp

http://www.ritosdeangola.com.br/?page_id=

http://artedafrica.blogspot.com.br/2009/12/mascaras-africanas.html

http://www.swissinfo.ch/por/cultura/Os_suicos_amantes_de_arte_primitiva.html?cid=33745208

http://www.bragancanet.pt/arte/mascaras.html

http://lanaveva.wordpress.com/2009/09/25/mascaras-primitivas/

http://www.pesquisaemdebate.net/docs/pesquisaEmDebate_9/artigo_4.pdf

http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/08/Notas-discursivas-diante-das-mascaras-africanas.pdf

http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo6/artigo11.pdf

http://www.artafrica.info/Pdfs/artigo_14_pt.pdf

http://www.ufgd.edu.br/reitoria/neab/downloads/identidade-afro-brasileira-abordagem-do-ensino-da-arte-dilma-de-melo-silva

http://www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/1.php

http://museoafricanomundonegro.blogspot.com.br/2013/06/mascara-zamble.html

3.2 Sugestões de links referentes a técnica papel machê e papietagem:

http://www.youtube.com/watch?v=KxuOG5a8S84

http://www.klickeducacao.com.br:8000/klickids/arte/arte01/arte01a.asp

http://www.arteblog.net/2011/06/15/receita-de-papel-mache-de-jornal/

http://www.youtube.com/watch?v=EpLWYGQ8Qss

http://oficinademascaras.blogspot.com.br/p/confeccao-das-mascaras.html

https://www.facebook.com/media/set/?set=a.211591212313152.47321.208351032637170&type=3

http://pt.wikihow.com/Fazer-Papel-Mach%C3%AA

Referências

ADOLFO, Prof. Dr. Sérgio Paulo. **A propósito das máscaras,** jul. 2009. Disponível em: <http://mbanzakongo.blogspot.com.br/2009/07/propos-des-masques-httpwww.html>. Acesso em: 20 maio de 2013.

AMARAL, Carla Giane Fonseca do. **A arte africana e sua relevância para a conscientização multicultural.** Universidade Federal de Pelotas: Cadernos de Educação,2009. [32]:161 - 180, Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n32/09.pdf>. Acesso em: 18setembro de 2013.

FERREIRA, Luzia Gomes. **As máscaras africanas e suas múltiplas faces**. Universidade Federal da Bahia, jul. 2011. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com.br/2011/07/as-mascaras-africanas-e-suas-multiplas.html>. Acesso em: 07 abril de 2013.

OGOTO, Bethwell Allan. **História geral da África.** África do século XVI ao XVIII. Brasília: Unesco. 2010.

PORTELLA, Adriana. et.al. Inquietações e mudanças no ensino da arte. In: Ana Mae Barbosa (Org.) **A imagem no ensino da arte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SALUM, Marta Heloísa Salum. **África: culturas e sociedades,** jul. 2005.Disponível em: <http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html>. Acesso em: 02 outubro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: <http://claudiozeiger.blogspot.com.br/2012/04/mascaras-ekpo-estado-edo-nigeria.html > Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/M%C3%A1scaras%20Bansonyi%20e%20Anok%20da%20tribo%20Baga%20-%20Guin%C3%A9 > Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search?q=gba-gba > Acesso em:18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/Mascaras%20Goli%20Kple-Kple%20-%20tribo%20Baule%20da%20Costa%20do%20Marfim > Acesso em:18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search?q=tribo+baule > Acesso em:18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/M%C3%A1scara%20Nyaba%20-%20tribo%20Bete%20da%20Costa%20do%20Marfim > Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/Mascaras%20Guro%20-%20Costa%20do%20Marfim > Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/Mascaras%20Bamoun%20-%20tribo%20da%20savana%20-%20Camar%C3%B5es > Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/Mascaras%20Bamileke> Acesso em: 18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: < http://claudio-zeiger.blogspot.com.br/search/label/M%C3%A1scaras%20Punu%20-%20Gab%C3%A3o > Acesso em:18 setembro de 2013.

ZEIGER, Claudio. **Afro & África.** Disponível em: <http://www.flogao.com.br/czeiger/70711930> Acesso em: 17 outubro de 2013.